

O PROCEDIMENTO DE REESCRITURAÇÃO EM TEXTOS REDACIONAIS DO ENEM/2016*

Amilton Flávio Coleta Leal**

UNEMAT

Neuza Zattar***

UNEMAT

Resumo: *Este trabalho, resultado da qualificação fora de área do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT, tem por objetivo, sob a ótica da Semântica do Acontecimento, analisar enunciativamente o procedimento de reescrituração em recortes de textos redacionais produzidos por candidatos do ENEM/2016, cuja temática era “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”. A partir de Guimarães (2002, 2004 e 2005), analisamos o modo como esse procedimento constrói sentidos para o texto, produzindo uma nova temporalização, e projetando, a partir dos argumentos, os possíveis caminhos e intervenções para combater a intolerância religiosa no país. Tudo isso nos fez observar que, ao enunciar, cada locutor-candidato fala de um lugar social que o autoriza a dizer de um modo e não de outro, afetado pelo memorável que o seu dizer convoca; esse é o efeito da reescrituração incessante da linguagem.*

Abstract: *This work, as a result of the qualification outside the area of the Graduate Program in Linguistics of UNEMAT, aims, from the perspective of the Semantics of the Event, to analyze the procedure of rewriting in the clippings of redactional texts produced by ENEM/2016 candidates, whose theme was “Ways to combat religious intolerance in Brazil”. From Guimarães (2002, 2004 and 2005) we analyze how this procedure constructs meanings for the text, producing a new temporalization, and projecting, from the arguments, possible ways and interventions to combat religious intolerance in the country. All of this made us observe that, by enunciating, each candidate-speaker speaks of a social place that authorizes them to say in one way or another, affected by the memorable that their saying summons; this is the effect of the incessant rewriting of language.*

O texto é algo que precede qualquer
reflexão sobre a linguagem.
(GUIMARÃES, 1999)

1. Introdução

A citação acima faz referência a um artigo em que Eduardo Guimarães discorre sobre a noção de texto por meio de uma abordagem enunciativa, destacando a sua importância para os estudos da linguagem. O autor concebe “texto como uma unidade complexa de significação, isto é, uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2012, p.5) e, nessa direção, compreende-se que o texto significa pelas relações estabelecidas com outros enunciados ou com outros textos; entretanto, é preciso tomá-lo como uma unidade de significação e não como tendo uma unidade, pois, para o autor (GUIMARÃES, 2012, p.27), “o texto é, mas não tem unidade”, isto é, não é uno, não é homogêneo.

Nessa perspectiva, este trabalho propõe analisar enunciativamente o procedimento de reescritura em recortes de redações produzidas por candidatas do ENEM¹/2016, a partir da formulação da proposta de redação *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil* (R1), observando como esse procedimento constrói sentidos para o texto.

Tradicionalmente, a prova do ENEM é aplicada uma única vez ao ano (prova objetiva e discursiva). Entretanto, em decorrência de mobilizações organizadas por movimentos estudantis e de ocupação de escolas e universidades em alguns estados do país, uma nova agenda foi elaborada para aplicação das provas do Exame Nacional, em períodos distintos: novembro (R1) e dezembro (R2) de 2016, resultando, assim, em duas provas distintas.

As temáticas propostas para as redações do ENEM, *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil* (R1) e *Caminhos para combater o racismo no Brasil* (R2) envolvem questões sócio-históricas que se presentificam cotidianamente nas relações sociais e de linguagem do brasileiro, sob diferentes faces, marcadas, sobretudo, por atitudes de intolerância. Ou seja, são temas latentes e amplamente discutíveis, que tocam negativamente a maneira como a sociedade brasileira reage a essas questões.

Nesse sentido, este trabalho se dará em dois momentos: mobilizaremos, a partir da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2004), as noções de temporalidade e reescrituração e, posteriormente, procederemos às análises enunciativas das temáticas das Redações (R1 e R2) e de fragmentos de textos apenas da proposta de redação (R1) *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil*², por não encontrarmos disponíveis, na internet, redações referentes à segunda proposta (R2), *Caminhos para combater o racismo no Brasil*³.

2. Uma questão inicial

As provas de redação, aplicadas em dois momentos, no Exame Nacional, produzem dois acontecimentos de linguagem distintos, ou seja, são acontecimentos em que ocorrem cenas de enunciação que, constituídas de distintos sujeitos, se diferenciam uma das outras por rememorar um conjunto de enunciações já ditas, em temporalidades, também, distintas.

Os temas das redações tocam questões que têm em comum o sujeito social, discriminado pela crença e prática religiosas, num país laico, e pelo preconceito racial que, ao atingir níveis insuportáveis, faz criar a Lei nº 7.716/1989, que criminaliza o racismo, além do inciso XLII, do art. 5º da Constituição Federal/1988, que torna a prática do racismo crime inafiançável e imprescritível. No entanto, os textos das leis, dada a sua incompletude, não impedem o crescimento, no Brasil, de gestos contra a diversidade religiosa e da discriminação racial, que produzem sentidos contraditórios nas diferentes relações da sociedade.

Na perspectiva da Semântica do Acontecimento, toda vez que se fala, o acontecimento estabelece uma temporalidade, e “o que o caracteriza como diferente é o que o acontecimento temporaliza” (GUIMARÃES, 2005b, p.11). A temporalidade, segundo o autor, se dá por um presente que rememora enunciações já ocorridas e recortadas pelo passado, que se abre para novos espaços de interpretação. Assim, a temporalidade do acontecimento recorta como memorável enunciações já ditas e abre em si uma latência de futuro, permitindo o aparecimento de novas enunciações. Dessa maneira, “o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento da linguagem, não há enunciação” (GUIMARÃES, 2005b, p.12). A afirmação do autor

corroborar para se compreender que, na linguagem, a questão do sentido se dá no funcionamento da língua, no acontecimento de linguagem.

É importante dizer que as temáticas das redações do ENEM, enunciativamente, evocam dizeres ocorridos em lugares e tempos diversos, ou seja, a expressão *intolerância religiosa* traz o memorável da discriminação contra pessoas e grupos de diferentes crenças ou religiões, e é marcada principalmente por atitudes agressivas e ofensivas. Por outro lado, a palavra *racismo* aparece ligada à *discriminação social*, baseada na concepção de que existem diferentes raças humanas e que uma é superior à outra⁴.

Nessa perspectiva, o enunciado *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil* (R1) reacende conflitos em torno dos limites à liberdade de expressão e do direito à diversidade religiosa. Dentre os acontecimentos de intolerância religiosa que ocorrem no país, tomamos um caso recente, de 2016, que repercutiu fortemente na mídia nacional. Uma menina de 11 anos foi atingida por uma pedra, quando retornava de um culto de Candomblé na Vila da Penha, no Rio de Janeiro. Os agressores eram evangélicos e, com bíblias em punho, faziam insultos contra a garota e sua família⁵. Essa cena se constitui num “espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição de lugares de enunciação no acontecimento” (GUIMARÃES, 2005, p.54). Ou seja, a deontologia regula/orienta a distribuição dos lugares sociais no acontecimento, ou seja, a relação daquele que fala com aquele para quem se fala.

A história da intolerância religiosa não é recente e antecede, inclusive, à Idade Média por meio de perseguições a judeus, mulçumanos e umbandista, além de discriminação a pessoas contrárias às políticas religiosas da época. No Brasil, tal preconceito, manifestado sob a violência verbal e até mesmo física, é alarmante, sobretudo, em decorrência da pluralidade de religiões pela qual o país é composto. A laicidade do Estado, assegurada pela Constituição Federal de 1988⁶, prevê a liberdade de religião e considera como crime qualquer tipo de intolerância religiosa. Ainda assim, há uma constante transgressão e isso mostra, diante dos inúmeros casos, que é crescente o retrocesso em relação à construção de atitudes e valores morais instituídos pela sociedade atual.

A temática *Caminhos para combater o racismo no Brasil* (R2) envolve pessoas comuns e artistas, que denunciam por meio da mídia a discriminação social a que estão expostos. Um acontecimento marcante e bastante noticiado ocorreu no meio futebolístico, através de gestos de racismo, ocorrido durante a Copa do Brasil, em agosto de 2015. Depois de ver o seu time perder por 2 a 0 para o Santos, a gremista, Patrícia Moreira da Silva, foi flagrada por câmeras chamando Aranha, goleiro do time rival, de macaco⁷.

É muito recorrente a questão do racismo no Brasil, principalmente com os negros. Essa problemática é pulsante e toca a realidade brasileira de diferentes formas, que assiste, debate, criminaliza, mas a questão continua a emergir e a impactar sociedade. Contrapondo a essa questão, a CF/1988 estabelece como crime inafiançável a discriminação racial; entretanto, há um discurso velado que diz de uma grande maioria que se posiciona contra o racismo e, ao mesmo tempo, admite que o Brasil é um país racista: uma contradição escancarada e um discurso acautelado, que mostram a dificuldade e a complexidade em se “alcançar” a democracia racial que, em tese, ainda parece ser um “mito”.

Diante das questões que se abrem pelos enunciados-temas (R1 e R2), é preciso analisar o lugar social do locutor na cena enunciativa, o memorável e o espaço de enunciação em que se dá a cena. Para Guimarães (2005b, p.85), “a enunciação tem uma determinação social e histórica que agencia lugares sociais e lugares de dizer” e, desse modo, podemos dizer que, a cada nova enunciação, há uma nova temporalização, um novo acontecimento, perpassado por um memorável, recortado pela temporalidade.

3. Os conceitos da Semântica do Acontecimento

Antes de iniciarmos as análises, faz-se pertinente trazer algumas questões da teoria que fundamentarão nossas reflexões. A Semântica do Acontecimento, tendo como precursor Eduardo Guimarães (2002, 2005), é uma disciplina teórica que trata da questão da significação e toma como lugar de observação do sentido o enunciado, ou seja, “a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2005b, p.7). Dessa forma, a maneira como se constitui o sentido de um enunciado

está relacionada ao seu funcionamento no texto, no acontecimento do dizer.

Guimarães (2005b, p.68) diz que “a enunciação em um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os”. Desse modo, compreendemos que há uma necessária relação de intertextualidade que nos faz compreender que o sentido não é formal, mas tem uma historicidade, que lhe é constitutiva.

É a partir da relação intertextual que Guimarães (2010) define integração. Segundo o autor,

a integração se faz por uma relação transversal entre elementos diversos e a unidade à qual se reportam. Ou seja, a relação entre os elementos não é de contiguidade, nem marcada pela direção da segmentalidade, mas pela relação entre vários textos (GUIMARÃES, 2010, p.22).

A partir desse conceito, podemos dizer que é a relação entre enunciados que produz significação, que produz sentido, e daí o sentido nunca ser isolado, mas relacionado à exterioridade.

Em seu livro *Semântica do Acontecimento*, Guimarães (2005b), ao redefinir a enunciação como um acontecimento de linguagem que se dá como espaço de memória, traz para a reflexão outros dois elementos: a temporalidade e o real. Para o autor, a temporalidade se dá por um presente (formulação), que rememora um antes (enunciações já realizadas) e um depois (novo acontecimento, nova temporalidade). O real, por sua vez, não diz respeito ao contexto, mas a uma materialidade histórica, uma vez que não se enuncia enquanto um ser físico, mas afetado pelo simbólico (GUIMARÃES, 2005b, p.11). Nessa direção, acontecimento e temporalidade não se dissociam, e o locutor, ao enunciar, está atravessado por uma memória, que é constitutiva do seu dizer.

Assim, a Semântica da Enunciação se define como uma disciplina que trata a questão da significação (GUIMARÃES, 1995), que deve ser compreendida como a língua posta em funcionamento no acontecimento da enunciação, na medida em que aponta para a relação entre língua, sujeito e história. Dessa forma, considerar o sentido

como uma questão enunciativa é levar em conta a enunciação historicamente, uma vez que há um memorável na constituição do(s) sentido(s).

4. O procedimento de reescrituração: primeiras reflexões

“O processo de reescrituração liga pontos de um mesmo texto ou de outros textos” (GUIMARÃES, 2007, p.87). Esse processo faz com que, ao retomar alguma expressão, algo signifique de outro modo, ou seja, o procedimento semântico de reescritura faz com que algo do texto seja interpretado de maneira diferente. Para Guimarães (2007, p.87), “reescrever não significa “dizer” o mesmo, mas apontar a diferenciação de sentido” entre uma determinada forma e a sua reescritura. Nesse sentido, há que se pensar a natureza deste “algo novo” que se apresenta a partir da reescrituração, além de compreender como os elementos envolvidos nesse processo significam e em que medida podem ser considerados como atribuindo sentidos.

Pela reescrituração não se pode considerar o enunciado de maneira isolada, mas na sua relação com o texto, como um procedimento que organiza a textualidade e seus modos de funcionamento. Nessa direção, o enunciado se dá pela relação com outros enunciados, afirma Guimarães (2005b), sendo impossível pensar a linguagem e o sentido fora de uma relação, pois é nessa relação entre enunciados que se dá a historicidade da língua.

Desse modo, considera-se que a enunciação não é homogênea e os sentidos são constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento de linguagem, perpassado por um memorável (GUIMARÃES, 2005b). A esse respeito, Zattar (2000, p.46) afirma que “é na relação de um enunciado com outro que se dá a historicidade da língua”, o que nos faz compreender que, enquanto uma unidade de significação, o enunciado é, também, elemento de uma prática social.

A reescrituração, portanto, é uma operação que predica algo reescriturado (GUIMARÃES, 2007, p.84), e funciona como “o procedimento pela qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si” (GUIMARÃES, 2005, p.17).

No próximo item, vamos analisar os recortes das redações selecionadas na perspectiva do procedimento da reescrituração, sob seus diversos modos, observando como o emprego desses procedimentos produz novos sentidos nas relações de textualidade que se constituem no texto.

5. A reescrituração em textos do Enem/2016

Guimarães (1999) afirma que o acontecimento de linguagem é uma operação enunciativa fundamental para a textualidade, construindo como unidade o que é disperso. Esta é uma afirmação que nos faz pensar a relação entre enunciados como uma questão pertencente ao processo de significação, e esse processo, visto a partir do nosso recorte de linguagem, nos possibilitará refletir sobre a noção de reescrituração, proposta pelo autor.

Os recortes das redações com a temática *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil* (R1), que tomaremos para as análises, constituem-se em espaços de enunciação, em que os locutores-candidatos são divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. Nesse sentido, consideramos que o texto de redação é um acontecimento de linguagem tecido por várias enunciações que remetem a um conjunto de instruções que orientam o candidato na escrita de seu texto, projetando uma enunciação avaliativa das Redações (futuridade/novas enunciações).

As cenas enunciativas, que veremos a seguir nos recortes da Redação 1, são constituídas em espaço de enunciação de Língua Portuguesa ‘formal’ entre falantes que se caracterizam pelos modos de acesso ao dizer e pelos lugares sociais que representam.

Nas cenas que dizem sobre a *intolerância religiosa no Brasil*, o Locutor é agenciado em locutor-candidato do ENEM/2016, e o que diz retoma dizeres que vão projetar, por meio de argumentos, os caminhos (a futuridade) para atingir a proposição do tema da redação.

Vamos às análises dos fragmentos redacionais:

Recorte (1)

Orgulho machadiano

Brás Cubas, o segundo-autor de Machado de Assis, diz em suas "Memórias Póstumas" que não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado de nossa miséria. Talvez haja de perceber-se acertada sua decisão: a postura de muitos brasileiros frente à intolerância religiosa é uma das faces mais perversas de uma sociedade em desenvolvimento. Com isso, surge a problemática do preconceito religioso que constitui um sério obstáculo à realidade do país, seja pela existência de leis, seja pela lenta mudança de mentalidade social.

Nesse recorte, a cena enunciativa é constituída de um Locutor, que diz do lugar social de locutor-candidato, cujo dizer rememora a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis que, no presente do acontecimento da redação, fundamenta o seu ponto de vista.

Em relação ao procedimento de reescrituração textual-enunciativa, observa-se, primeiramente, que *intolerância religiosa* é reescriturada por *orgulho machadiano* (título da redação, L1). A expressão *sua decisão* (L4), reescritura por condensação, a expressão *não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado de nossa miséria* (L2 e 3). Ou seja, *a acertada decisão* (L4), da qual o locutor-candidato se refere é a de que Brás-Cubas, personagem machadiano, não teve filhos e, portanto, não transmitiu a nenhum ser o legado de uma miséria social que, no presente acontecimento, remete à intolerância religiosa.

Outro exemplo de reescrituração por condensação ocorre com o pronome anafórico *isso* (L5), que reescritura a expressão *a postura de muitos brasileiros frente à intolerância religiosa é uma das faces mais perversas de uma sociedade em desenvolvimento* (L4 e 5). Ainda em relação a esse enunciado, temos um exemplo de reescrituração por expansão, em que a expressão *intolerância religiosa* (L4) é retomada de maneira ampliada no enunciado *a problemática do preconceito religioso* (L5 e 6).

O termo *intolerância religiosa* (L4) é reescriturado por repetição na proposta de redação 1, e é retomado por substituição pela expressão *preconceito religioso* (L6). Essa relação de reescrituração não estabelece uma igualdade, mas uma diferença, em virtude de ser uma

repetição, e é a diferença entre essas reescriturações que constitui o sentido da repetição.

Notamos, ainda, que o enunciado *não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado de nossa miséria* (L2 e 3) reescritura, por expansão, o texto redacional. Por último, observa-se um procedimento de reescrituração por condensação, no qual o dêitico *isso* (L5) condensa todo o enunciado do período anterior, que diz sobre a postura de muitos brasileiros em relação à intolerância religiosa. Ou seja, o referido dêitico funciona como argumento contrário a todo tipo de intolerância.

Nesse recorte, a *ineficiência das leis empregadas e a lenta mudança da mentalidade social* constroem o já dito que vai sustentar os argumentos para se construir novos caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil. Ou seja, produzir novas interpretações, novas temporalidades.

Recorte (2)

O Brasil colonial do Brasil, ao longo dos séculos XVI e XIX, foi marcado pela tentativa de converter os índios ao catolicismo, em função do pensamento português de soberania. Embora, data de séculos atrás, a intolerância religiosa no país, em pleno século XXI, sugira as mesmas conotações de sua origem: imposições de dogmas e violência. No entanto, a lenta mudança de mentalidade social e o receio de denunciar dificultam a resolução dessa problemática, o que configura um grave problema social.

Nesse recorte, a cena enunciativa traz como memorável o período da colonização brasileira, marcado pelo processo de catequização dos índios. O locutor-candidato destaca duas questões histórico-sociais antigas, como *imposições de dogmas e violência* que se cristalizam nas relações de linguagem e que retornam, mantendo sentidos de *lenta mudança da mentalidade social e o receio de denunciar* que, ao se naturalizarem na sociedade, dificultam os caminhos (a futuridade) para mudar ou dirimir a intolerância religiosa no Brasil.

No entanto, as intervenções (os caminhos/ a futuridade) serão possíveis pela transformação da *lenta mudança da mentalidade social* e do *receio de denunciar*, que vai incidir em numa nova temporalidade

no acontecimento do dizer, e essa relação só é possível porque o acontecimento temporaliza. Essas expressões funcionam, no recorte, como sustentação aos argumentos do locutor-candidato, no momento da intervenção, pela escrita da redação, contra a *intolerância religiosa*.

Sobre a intertextualidade, Guimarães (2007, p.87) diz que “o processo de reescrituração liga pontos de um mesmo texto ou de outros textos”. Nessa direção, observa-se que a expressão *lenta mudança de mentalidade social* (L7) do recorte (1) é reescriturada por repetição na (L5) do recorte (2). Nesse sentido, é possível dizer que os recortes (1) e (2) são acontecimentos enunciativos que recortam como memoráveis as narrativas que são significadas na temática *intolerância religiosa*.

É interessante notar esse movimento de sentidos provocados pela repetição de tais expressões, nos dois fragmentos redacionais distintos, nos quais os locutores-candidatos, em condições diversas, enunciam diferentemente. Isso se verifica no procedimento por repetição, que faz com que algo signifique de outro modo, uma vez que a reescrituração aponta para um sentido diferente, tendo em vista que tais enunciados constroem outros sentidos ao serem retomados de outro acontecimento de linguagem.

As expressões *dessa problemática* (L6) e *um grave problema social* (L7) reescrevem, por substituição, o enunciado *a intolerância religiosa* (L3), em que o texto redacional do locutor-candidato o retoma em dois pontos do texto por outras expressões equivalentes. A expressão *intolerância religiosa* (L3) é reescriturada por definição por *imposição de dogmas e violência* (L5 e 6), e por substituição por *dessa problemática* (L6).

Recorte (3)

TOLERÂNCIA NA PRÁTICA
A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 – NORMA DE MAIOR HIERARQUIA NO SISTEMA JURÍDICO BRASILEIRO – ASSEGURA A TODOS A LIBERDADE DE CRENÇA. ENTRETANTO, OS FREQUENTES CASOS DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA MOSTRAM QUE OS INDIVÍDUOS AINDA NÃO EXPERIMENTAM ESSE DIREITO NA PRÁTICA. COM EFEITO, UM DIÁLOGO ENTRE SOCIEDADE E ESTADO SOBRE OS CAMINHOS PARA COMBATER A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA É MEDIDA QUE SE IMPÕE.

A cena enunciativa desse recorte traz o memorável do dispositivo jurídico (CF/1988), que “assegura a todos a liberdade de crença”, porém, ainda não suficiente para combater a intolerância religiosa no país.

O locutor-candidato, a partir do enunciado constitucional, propõe como caminho/medida (futuridade) “o diálogo entre a sociedade e o Estado”, por acreditar que esse é o caminho que se impõe. Ou melhor dizendo, *o diálogo* é projetado como possibilidade de novas enunciações, de novas interpretações. O Locutor, nessa cena, assimila o lugar de dizer de enunciador universal, em que o dizer é válido para todo o país.

A expressão *A Constituição Federal de 1988* (L2) recorta como memorável os preceitos constitucionais da liberdade de crença no país, e é reescriturada por definição por *norma de maior hierarquia no sistema jurídico brasileiro* (L2 e 3), e a expressão *um diálogo entre sociedade e Estado* reescreve também por definição *medida que se impõe*. É interessante destacar que, nessas definições, o locutor-candidato assimila o lugar do dizer do enunciador universal⁸, que diz do lugar que tem conhecimento sobre as medidas de combate ao preconceito.

Nota-se, também, que a expressão *esse direito na prática* (L4 e 5) reescreve por substituição *liberdade de crença* (L3), que é, aliás, um dos direitos fundamentados na CF/1988. O pronome *esse* (L4) condensa a narrativa anterior, descrita pela Lei, que *assegura a todos a liberdade de crença* (L3). Observa-se, por fim, que o enunciado *caminhos para combater a intolerância religiosa* (L5 e 6) retoma, pelo procedimento de condensação, o enunciado do título da redação *Tolerância na Prática* (L1). Esse conjunto de enunciados, que integram o texto do recorte, funciona como argumentos de intervenção, que sustentam o ponto de vista do locutor-candidato em relação à questão abordada na proposta de redação.

Recorte (4)

No meio do caminho tinha uma pedra

No limiar do século XXI, a intolerância religiosa é um dos principais problemas que o Brasil foi convidado a administrar, combater e resolver. Por um lado, o país é laico e defende a liberdade ao culto e à crença religiosa. Por outro, as minorias que se distanciam do convencional se aprofundam em abismos cada vez mais profundos, cavados diariamente por opressores intolerantes.

A cena enunciativa, lugar constituído pelo acesso à palavra no funcionamento da língua (GUIMARÃES, 2005b), se caracteriza por um modo específico de o locutor-candidato referir-se à temática de redação (R1). O título da redação, “No meio do caminho tinha uma pedra”, traz como memorável o poema de Carlos Drummond de Andrade, no qual a “pedra” significa obstáculo e, no texto da redação, (re)significa *intolerância religiosa*, um obstáculo que nega a convivência pacífica *entre* diferentes crenças no Brasil, e que, velada ou não, circula nas relações sociais e de linguagem.

A expressão *intolerância religiosa* (L2) é reescriturada por definição por *um dos principais problemas que o Brasil foi convidado a administrar, combater e resolver* (L2 e 3). A reescrituração por definição, segundo Guimarães (2007, p.86) se caracteriza “como um modo de definir o termo”.

Observa-se, por último, que o enunciado *o país é laico* (L3 e 4) rememora o já-dito da CF/1988 que, em seu Art. 5º, afirma que *é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*. Nessa mesma expressão, *país* é reescriturado por definição por *é laico*. Como vimos a reescrituração é uma operação semântica que atribui novos sentidos ao termo/expressão/enunciado reescriturado.

No recorte 04, diferentemente dos três primeiros recortes, a proposição dos caminhos (futuridade) para combater a intolerância religiosa é imputada pelo locutor-candidato ao Governo Federal, que deverá *administrar, combater e resolver* a questão proposta pela redação. Ou seja, os argumentos do locutor-candidato são transferidos ao Governo que, a partir de novos acontecimentos, deverá projetar os caminhos de combate à intolerância religiosa.

Recorte (5)

Superando antigos estigmas

O darwinismo social, ideal surgido no século XIX, coloca-se na ideia de que existam culturas superiores às outras. O preconceito, então, passou a ter um caráter científico, mesmo tentativas de justificar a dominação de indivíduos menos preparados do entorno, mesmo ainda uma ideia antiga, ainda ressurta sempre em diversas ações humanas, como os constantes casos de intolerância religiosa no Brasil, cujos efeitos constituem para a diáspora da intolerância e prejudicam o desenvolvimento do ser.

Nessa cena enunciativa não aparece ainda a proposta de combate à intolerância (caminhos), no entanto, o título da redação *Superando antigos estigmas*, introduz, através da expressão *antigos estigmas*, a ideia de movimento da intolerância religiosa nas sociedades, de modo geral, e também da *superação* dessa questão-problema ao longo dos tempos, pois ao dizer *Superando*, o tempo verbal gerúndio indica que a questão vem sendo combatida.

A cena traz como memorável o princípio do darwinismo, *os constantes casos de intolerância religiosa no Brasil* e os efeitos que causam à sociedade que, presentificados no acontecimento da redação, vão constituir os argumentos para apontar os possíveis caminhos de intervenção.

Em relação ao procedimento de reescrituração, ainda no título, nota-se que a expressão *antigos estigmas* (L1) reescreve por substituição a expressão *intolerância religiosa no Brasil* (L6).

Nesse último recorte, temos uma cena enunciativa que constitui o modo como o locutor-candidato diz do lugar da Ciência, como enunciador-universal, que assegura a legitimidade dos fatos. Nessa perspectiva, o recorte rememora um passado de enunciações sobre Darwin e a Teoria Social, que significa, no presente do acontecimento, possíveis argumentos para fundamentar os caminhos/intervenções (futuridade) contra a intolerância religiosa.

O efeito da reescrituração, no texto redacional, faz com que, no acontecimento da enunciação, algo seja dito de outro modo: um novo dizer é formulado e novos sentidos são constituídos. Assim, a textualidade é efeito desta reescrituração infinita da linguagem, isto é,

volta-se ao dito para continuar dizendo, e apontar um futuro do dizer (GUIMARÃES, 1999).

Na expressão *O Darwinismo social, ideal surgido no século XX* (L2), ocorre o procedimento de reescrituração apositiva, que se dá por equivalência, e que predica o termo *Darwinismo social*, explicando, assim, o termo antecedente. Guimarães (2012, p.7) afirma que esse procedimento atribui o sentido de um termo sobre o outro, em que se tem uma articulação de pressuposição de aposto, ou seja, a reescrituração apositiva “se apresenta enunciativamente de modo distinto do elemento reescriturado” (GUIMARÃES, 2012, p.2). Sendo assim, essa mesma expressão poderia ser parafraseada por *O Darwinismo social foi e/ou significou um ideal surgido no século XX*.

Diante das questões trazidas à reflexão sobre o procedimento de reescrituração nos recortes das Redações do ENEM/2016, é possível concluir que

dizer algo de novo não se reduz meramente a uma repetição, mas a uma nova forma de dizer o mesmo, o que significa dizer de um outro lugar social, afetado pelo memorável, de modo que os sentidos atribuídos anteriormente se alteram, se modificam e tornam a significar (ZATTAR, 2012, p.37).

Dessa maneira, entendemos, como Guimarães (2005a), que o texto é uma unidade de sentido integrada por enunciados. Disso, resulta nossa compreensão de que o procedimento de reescrituração (re)constrói sentidos para os textos, num movimento de ir e vir, de retomadas e (re)construções, na infinita possibilidade da linguagem.

6. À guisa de um fechamento

O nosso objetivo neste trabalho foi, à luz da Semântica do Acontecimento, analisar o procedimento de reescrituração em textos de redação, referentes à temática R1 *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil*, produzidos por candidatos do ENEM/2016. Nesse sentido, observamos, ao longo das análises, que o procedimento de reescrituração constrói sentidos para os textos redacionais, e possibilitam a criação de famílias parafrásticas, que sustentam os argumentos contra a intolerância religiosa. Esses

procedimentos movimentam os sentidos do texto da redação e constroem a tessitura linguística e semântica, pois, em todo dizer, há sempre um já dito que, ao ser retomado, significa diferentemente.

Assim, o processo de reescritura estabelece um ponto de identificação próprio daquele que enuncia, ou seja, os recortes nos mostraram que não há um lugar homogêneo para se pensar o texto, pois o locutor-candidato, ao enunciar, marca um lugar de autoria, que é o da construção da significação, da diferença, que se constitui como pontos de dispersão que produzem sentidos e convocam à interpretação.

Queremos destacar que os textos das redações são “regulados/condicionados pelos órgãos responsáveis pelo ENEM, cujas instruções condicionam os espaços de formulação de cada candidato” (SILVA GUIMARÃES, 2013, p.82). Além dessas determinações, cada locutor-candidato fala de um lugar social que o autoriza a dizer de um modo e não de outro, afetado pelo memorável que o seu dizer convoca.

Desse modo, cada redação é um acontecimento distinto e produz uma nova temporalização, isto é, o acontecimento da redação traz como memorável as instruções do ENEM, e os argumentos projetam o interpretável do acontecimento, os possíveis caminhos e intervenções para combater a intolerância religiosa no país.

Diante do que foi apresentado, podemos concluir que os sentidos dos recortes constituem-se em movimento, pois dizer é reescrever um já dito, e a proposta R1 *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil* é um enunciado que, pela reescrituração, volta a um já dito para continuar dizendo, ou aponta para um futuro do dizer, uma vez que a textualidade (os sentidos do texto) é efeito da reescrituração incessante da linguagem (GUIMARÃES, 2005b).

Referências Bibliográficas

- BENVENISTE, E. (1989). “O aparelho formal da enunciação”. In: *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, p.81-90.
- DIAS, L. F. (2013a). “Enunciação e forma linguística”. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.21, n.1, p.223-238.
- DUCROT, O. (1972). *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix.

- GUIMARÃES, E. (2005a). *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes.
- _____. (1999). “Textualidade e enunciação”. In: *Escritos*, 2. Campinas, Labeurb/ Unicamp. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos2.pdf>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2018.
- _____. (2008). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Editora RG. 2ª ed.
- _____. (2004). *História da semântica: Sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas: Pontes.
- _____. (2005b). *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes. 2ª ed.
- _____. (2012). *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino*. São Paulo: Hucitec. 2ª ed.
- _____. (2007). “Domínio semântico de determinação”. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes Editores, RG Editores.
- _____. (2010). “Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade”. In: *Revista da Anpoll*. Vol.1, n.29.
- ORLANDI, E. (2007). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes. 7ª ed.
- _____. (1998). “Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico”. In: *Revista Rua*. Campinas, p.9-19.
- SILVA GUIMARÃES, J. R. (2013). *Os procedimentos de reescrituração e articulação na construção dos sentidos de textos de redação do ENEM/2013*. Dissertação. Mestrado em Linguística. PPGL/UNEMAT.
- SOUSA, R. G. (2017). “Democracia Racial”. In: *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historia/democraciaraacial.htm>>. Acesso em: 17 de agosto de 2018.
- ZATTAR, N. (2000). *Os sentidos de liberdade dos escravos na constituição do sujeito de enunciação sustentada pelo instrumento da alforria*. Dissertação. Mestrado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- _____. (2012). “O agenciamento enunciativo nas cartas de alforria”. In: *Entrepalavras*. Fortaleza, ano 2, v.2, n. esp., p.21-38. Disponível em:

<<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/95/121>>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

Palavras-chave: ENEM, reescrituração, Semântica do Acontecimento.

Keywords: ENEM, rewriting, Semantics of the Event.

Notas

* Esse trabalho é resultado da qualificação fora de área do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT), sob a orientação da profa. Neuza Zattar.

** Doutorando do PPGL/UNEMAT.

*** Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT).

¹ Exame Nacional do Ensino Médio.

² Os cinco excertos que selecionamos para análise são de redações de alunos que alcançaram nota máxima (1.000).

³ Conforme o site: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-nota-mil-do-enem-2016.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 12 de junho de 2018.

⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/crianca-e-vitima-de-intolerancia-religiosa-no-rio.html>>. Acesso em: 12 de junho de 2018.

⁶ Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997.

⁷ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/5-casos-de-racismo-que-chocaram-o-brasil/>>. Acesso em: 12 de junho de 2018.

⁸ Conforme Guimarães (2005, p.26), o enunciador-universal (quando a enunciação representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso) é o lugar do qual se diz sobre o “mundo”.